

# **Buscando caminhos a integraçao do Ser ao Saber**

Maria de Fatima Davantel<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Percebe-se que a falta do hábito de ler tem contribuído para a produção de um discurso pobre, truncado e restrito. Neste artigo apresento minha busca de caminhos para se chegar à construção da contrapalavra através da leitura e sua exteriorização oral e/ou escrita. Dessa forma a leitura deverá ser trabalhada como fonte e instrumento criador de estruturas e de inteligências que permitam ao aluno, através do processo metafórico, construir, reconstruir e ampliar conhecimentos, criando competências e tornando-se sujeito do conhecimento e da história. Além disso defende-se que a prática da conscientização de valores humanos universais, sob uma perspectiva filosófica, religiosa e cultural, através de texto-pretexto, criam e/ou ampliam o espírito de cooperação, de criatividade, de respeito às diferenças, de reverência e de amor pelos seres humanos, pois tais valores são fundamentais ao bom andamento do cotidiano escolar. Tal abordagem implica na certeza de que sem o resgate humano e o uso de metodologias alternativas é impossível trabalhar a formação holística do ser.

**Palavras-chave:** formação holística, contrapalavra, leitura, metáfora

O presente artigo contempla as reflexões da pesquisa-ação que realizei, enquanto professora de português, do

Ensino médio, de uma Escola Estadual, em 1999, sob a perspectiva da pedagogia interacionista-construtivista.

---

<sup>1</sup> Professora do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública - Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e da Literatura Brasileira para o Ensino Fundamental e Médio.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, usarei a primeira pessoa do plural, uma vez que é fruto de um trabalho conjunto entre professora-pesquisadora e alunos.

A experiência de vida, o conteúdo formal e sistematizado pelas várias ciências e a história cultural da humanidade são domínios do professor que se associam à capacidade de construir do aluno em busca da integração entre o Ser e o Saber. O suporte desse modelo encontra-se na psicologia de Piaget, na obra pedagógica de Paulo Freire, na psicologia do desenvolvimento de Vygotsky, em Gramsci, entre outros. Vygotsky e Bakhtin, entre outros, fundamentam a concepção de uma escola democrática, onde os alunos, sujeitos do seu discurso, num processo de interação verbal apropriam-se da contrapalavra e se firmam como sujeitos, seja produzindo discursos com determinada intenção, ou interpretando-os de forma adequada à situação. Nesse interagir é que se dá a simbiose entre sujeitos historicamente situados que, através da linguagem, se apropriam e transmitem experiências historicamente acumuladas. Diante disso, cabe a escola oportunizar aos seus alunos o desenvolvimento da linguagem oral e escrita nas suas mais diversas aplicabilidades.

Ao nos questionarmos sobre o desinteresse pela Língua Portuguesa e Literatura e a superficialidade dos conteúdos apreendidos pelos alunos durante o 1.º ano do Ensino médio, em

1998, sentimos que só através de mudanças na prática pedagógica conseguiríamos obter os resultados almejados para o 2.º ano. Somente o professor pesquisador da sua prática, ao buscar novas práticas pedagógicas, dá tratamento empírico à realidade, tomando como aceitável aquilo que tem comprovação factual, embasado na teoria, método e prática.

De nada adiantaria ficar naquela de dizer que os alunos de hoje são completamente desinteressados, que não querem nada com os estudos, que a direção precisa ter uma conversa com a turma ... Em busca da apropriação do discurso para fazer-se sujeito do conhecimento e senhor da sua história, o aluno cria expectativas em relação ao professor e ao ambiente escolar.

O professor não pode mais comportar-se como o “todo poderoso”, dono do saber que, em doses diárias, procura moldar jovens incultos. Ledo engano, que ainda sustenta a prática de muitos educadores. O aluno, hoje, tem noção de seu lugar no processo educacional. O conhecimento que traz em sua bagagem vivencial o faz compreender que pode falar e escrever como quiser, mas também sabe que certas situações da fala e escrita exigem maiores cuidados. Mesmo na era da informática, o registro culto do idioma comanda, entre outros aspectos, o ingresso e o progresso no mercado de trabalho.

A leitura inteligente e a competente expressão do pensamento, seja na

forma oral ou escrita, não se dá espontaneamente ao longo da vida escolar. Os mecanismos e as regras da boa produção textual precisam ser claramente explicitados e amplamente trabalhados no decorrer do período escolar, na transmissão do saber formal. Segundo Bamberger, “A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento da linguagem e da personalidade.” (1986, p.10 )

Encarando a leitura, seja ela de que tipo for, como uma atividade a serviço de um projeto maior - a formação da contrapalavra e a personalização do discurso - foi o que eu, enquanto professora pesquisadora e meus alunos assumimos o desafio de nos tornarmos cúmplices no processo ensino-aprendizagem.

Reafirmando que “os livros são, hoje, o que tem sido há séculos: portadores do conhecimento de uma geração para a outra, não vamos, aqui, entrar no mérito do livro virtual e/ou desgaste do tradicional, pois ambos transmitem a evolução cultural da humanidade e estão a serviço da educação. No entanto, os livros de literatura, quando descontextualizados, parecem coisas pré-históricas e sem valor cultural, sem nada a acrescentar para a maioria dos alunos. Alguns até gostam, mas não entendem bem a razão de tais aulas.

A razão das coisas, eis o “incompreensível” para eles, na literatura e na gramática. Enfim, a construção da contrapalavra, pelo aluno, como fator de compreensão pelo seu falar,

enquanto sujeito da história, e a abstração dos conteúdos trabalhados não se processava. Urgia buscar soluções práticas.

Acreditando que os significados são construídos através das relações sociais e que toda linguagem é metafórica, um novo enfoque foi dado às aulas de Língua Portuguesa e Literatura.

A palavra, elemento renovador e criador, devia ser resgatada em sua essência, conhecida e reconhecida em diversas culturas através dos séculos; contextualizada em nossos dias, como elemento básico na construção do discurso personalizado e como fator de distinção social, cultural e profissional. Para tanto, valia trabalhar fita de vídeo sobre antigas civilizações, textos filosóficos, livros literários consagrados, best sellers, jornais, músicas, poesias...

A tipologia dos textos escolhidos, na busca de novos caminhos, estava a serviço da internalização da própria palavra-significante e significado: A apropriação do discurso como um tesouro precioso, libertador e intransferível, tesouro esse que o aluno já traz com ele ao ingressar no universo escolar e que será ampliado com novos dados, burilado pelo confronto de idéias, reorganizado pelo contato com novos saberes.

Em busca da própria “palavra” como fonte transmissora da herança cultural, partimos rumo às Civilizações Desconhecidas e espaços nunca dantes navegados por meus alunos, a

nao ser superficialmente, em busca de novos mundos e novas formas de expressão.

“Egito, em busca da imortalidade”, foi nossa primeira viagem cultural. Durante o debate que se seguiu à exibição de uma fita de vídeo, ficou claro que perceberam a postura atemporal de uma cultura em que todos, do lavrador ao farão, buscavam a vida eterna.

Em seguida, “Os Maias” foram responsáveis pela próxima viagem. através de conversas informais anteriores à exibição do vídeo, notamos que a maioria dos alunos não sabia localizar geograficamente e historicamente essa civilização e que ela era praticamente desconhecida, apesar de ter feito parte do currículo do Ensino Fundamental. Os Maias chocaram e causaram certa apreensão por seus ritos e cultos macabros, o uso institucionalizado de drogas alucinógenas e a perversidade. Impressionados também ficaram com a astronomia, a astrologia e suas previsões acerca do futuro.

Chegamos à Mesopotamia, um dos maiores exemplos de transmissão cultural através da palavra falada e escrita. Tal fato foi constatado através das explicações sobre o surgimento do Velho Testamento, criado para preservar as tradições da cultura hebraica, enquanto essa esteve dominada pelos babilônios.

Durante as aulas em que foram apresentados os vídeos sobre as civilizações antigas, buscamos estabele-

cer a relação entre aquelas civilizações e a nossa, identificando traços da herança cultural, processando-se assim a apreensão de novas informações e a capacidade de estabelecer relações entre elementos informacionais aparentemente desconexos, analisando-os e organizando-os. Temas transversais e interdisciplinares, através da expressão oral e escrita foram amplamente trabalhados.

Para muitos, essas civilizações não passavam de uma imagem abstrata. Procuramos mostrar que a linguagem é uma rede simbólica que se sobrepõe ao real e que nos permite dele falar sem a ele se confundir, e que o domínio da língua e não só dos signos linguísticos, possibilita a construção de conceitos próprios e a perpetuação de um sujeito e/ou de um povo.

Certificamo-nos, também, de que todos esses fatos só chegaram à luz do conhecimento atual devido às diversas formas de registros, dentre elas a escrita de cada um desses povos.

Ao longo do bimestre, com a aplicação de mais algumas técnicas de cunho humanístico e estudos de textos filosóficos, foi possível notar sensível diferença no comportamento da maioria das turmas. As camisetas com estampas cadavéricas sumiram de cena, a goma de mascar era mastigada de forma menos ostensiva, o vocabulário estava mais “light”, a receptividade era maior ...

Buscamos desenvolver o hábito

da pesquisa. Toda semana havia uma apresentação. Os temas eram escolhidos conforme o interesse e um acordo no qual também devíamos privilegiar assuntos constantes do currículo. A expressão oral evoluiu de vento em popa. O jeito de ler o mundo e expressá-lo através da linguagem formam teias que constroem relações de afinidades e até de interdependência conforme se ampliam as experiências educacionais.

O trabalho interpretativo e comparativo exigiu a compreensão de que não é qualquer conjunto de palavras que produz significado e que o discurso e a realização das possibilidades que uma língua oferece. A expressão oral, mesmo sendo trabalhada em grupo, é um ato individual e sofre a interferência dos mais variados fatores extralinguísticos.

Livros foram lidos, narrados, parafraseados, reinterpretados, debatidos. Períodos literários reinterpretados à luz das metáforas, pois essas têm o dom de atualizar os fatos. Uma estrutura discursiva se constrói de fora para dentro, num processo de aquisição histórico-cultural. É preciso falar a linguagem do aluno, sem baratear a educação formal, para estabelecer uma relação de troca. Por meio da escola, a norma culta pode operar sobre as variantes linguísticas, e através do processo comparativo, levar o aluno a apropriar-se dela e utilizá-la nos mais variados contextos sociais.

O professor, em seu fazer peda-

gógico, deve deixar claro que possui as rédeas da situação. Muitas e variadas leituras se fazem necessárias para aperfeiçoar o ler e escrever bem. Para tanto, torna-se fundamental que o professor de português seja um leitor, caso contrário, torna-se impossível despertar no aluno o gosto pela leitura, uma vez que só se pode educar dentro do que se acredita e pratica.

Muitos podem até questionar: o professor agora tem que ser mais o quê além de professor? Quem sabe a Fenix seja um bom exemplo. Renascer das práticas pedagógicas improdutivas e descompromissadas com nossos jovens.

Optamos por uma relação de amizade, com o intuito de colaborar e de receber a colaboração desses jovens. Alimentarmos-nos juntos do conhecimento partilhado na sala de aula, como numa família. O professor, desde que assim o deseje, pode ultrapassar, com relativa facilidade, as barreiras da comunicação e colocar em prática a disciplina, a gratidão, a ética, a cidadania e a religiosidade. Itens sem os quais se torna impossível pensar em desenvolvimento integral do Ser.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**. São Paulo: Ática, 1996.

- 2 BAMBERGER, Richard. **Como incentivar a leitura**. São Paulo: Ática, 1996.
- 3 BEAUPORT, Elaine & DIAZ, Aura Sofia. **Inteligência emocional - as três faces da mente**. Brasília - DF: Teosófica, 1998.
- 4 BECKER, Fernando. **Epistemologia do professor**. São Paulo: Vozes, 1993.
- 5 CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 1997.
- 6 COLLARES, Cecilia A. L. & MOYSES, Maria Aparecida. **Preconceito no cotidiano escolar - ensino e medialização**. São Paulo: Cortez, 1996.
- 7 CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- 8 CURRÍCULO BÁSICO PARA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ. Curitiba - Paraná: SEED, 1990.
- 9 DAVANTEL, Maria de Fátima. **Buscando caminhos: a integração do ser ao saber**. Ponta Grossa: Emeroteca - UEPG, 2000.
- 10 DEMO, Pedro. **Pesquisa - princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1997.
- 11 FIORIN, José L. & SAVIOLI, Francisco P. **Para entender o texto - leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1993.
- 12 FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- 13 FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 6.ed. 1976.
- 14 GERALDI, João W. (org.) **O texto na sala de aula: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1997.
- 15 KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**. São Paulo: Pontes - Unicamp, 1998.
- 16 KOCH, Ingidore V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991.
- 17 KOCH, Ingidore V. & TRAVAGLIA, Luis. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1997.
- 18 KORCZAR, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus, 1981.
- 19 MACHADO, Nilson J. **Epistemologia e didática: as concepções do conhecimento e inteligência e a prática docente**. São Paulo: Cortez, 1995.
- 20 MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Peiropolis, 1999.
- 21 NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 22 OLIVEIRA, Betty & DUARTE, Newton. **A socialização do saber**. São Paulo: Cortez, 1995.
- 23 ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1998.
- 24 PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Língua Portuguesa - ensino fundamental. Brasília, D.F. MEC. 1998.

- 25 PESSOA, Fernando. **A língua portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- 26 RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1992.
- 27 SANTO, Ruy do Espírito. **Pedagogia da transgressão**. São Paulo: Papyrus. 1996.
- 28\_\_\_\_\_. **O renascimento do sagrado na educação**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- 29 TIBA, Icamí. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 1998.
- 30 THIOLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.
- 31 TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1. e 2. grau**. São Paulo: Cortez, 1997.
- 32 WERNECK, Hamilton. **Tornei-me pessoa: as cicatrizes fazem parte do passado**. São Paulo: Vozes, 1999.
- 33 ZILBERMAN, Regina. (org.) **Leitura em crise na escola - as alternativas do professor**. São Paulo: Mercado Aberto, 1996.